

---

## FOLHETO, DE E. V. KHARITÓNOV: UM MANIFESTO HOMOSSEXUAL NA UNIÃO SOVIÉTICA?

---

*The Leaflet, by Ye. V. Kharitonov: A Homosexual Manifesto in the Soviet Union?*

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-05

Yuri Martins de Oliveira\*

---

**RESUMO:** Este artigo apresenta a tradução do texto “Folheto”, do escritor soviético Evguéni V. Kharitónov (1941-1981), conhecido por seus escritos de temática homossexual. A tradução é seguida de informações sobre a vida de Kharitónov e de um breve comentário que busca apresentar algumas características gerais do texto, suas referências histórico-culturais e possíveis interpretações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folheto. Kharitónov. Literatura Soviética. Literatura e Homossexualidade. Tradução.

**ABSTRACT:** This article presents a translation of “The Leaflet”, written by the Soviet writer Yevgeny V. Kharitonov (1941-1981), known by his texts about homosexuality. The translation is followed by an introduction which presents some information about the writer’s life and some of the characteristics of the text, while also considering some cultural and historic references and possible interpretations.

**KEYWORDS:** The Leaflet. Kharitonov. Soviet Literature. Literature and Homosexuality. Translation.

---

### 1 “Folheto”, de E. V. Kharitónov (tradução)<sup>1</sup>

Somos flores estéreis e perniciosas. E, como as flores, devem nos juntar em buquês e nos colocar em jarros para servir de enfeite.

---

\*Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), pelo programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa (2019). ORCID: 0000-0002-2697-3906. E-mail: yuri.martinsz(AT)gmail.com.

<sup>1</sup> Traduzido a partir do original presente em KHARITÓNOV, E. “Листовка” [“Folheto”]. In: KHARITÓNOV, E. *Под домашним арестом* [Em prisão domiciliar]. 2. ed. Moscou: Glagol, 2005. p. 312-314. O presente texto, bem como todos os outros de Kharitónov, encontra-se em domínio público, conforme informado via *e-mail* pelo editor Gleb A. Moréiev, em 02 de outubro de 2021. (N.T.)

Nossa questão, de alguma forma, se parece com a dos judeus.

Por exemplo, assim como, na opinião antissemita comum, o gênio deles floresce acima de tudo no comércio, no mimetismo, no folhetim, na arte sem *páthos*, no trato do dia a dia, na arte da sobrevivência, e há, por assim dizer, certas esferas de ação criadas propositalmente por e para eles, também assim o nosso gênio floresceu, por exemplo, na mais vazia arte dos não-me-toques: o balé. E é evidente que ele foi criado por nós. E isso serve tanto para a dança propriamente dita e toda parada de sucesso, quanto para qualquer outra arte, quando se tem como base o deleite.

Assim como os judeus devem ser ridicularizados em anedotas e, no entendimento de toda a população não-judia, deve-se se manter firmemente a imagem do *jid*-pardal<sup>2</sup> para que o antissemitismo não deixe de existir — afinal, de outra forma, o que impedira os judeus de ocupar outros lugares no mundo? (e existe a crença de que isso seria o fim do mundo) —, da mesma forma também a nossa espécie leviana e floral, com seu pólen que voa sabe-se lá para onde, deve ser exposta ao ridículo e transformada, pelo pensamento literal, rude e sadio do povo simples, em palavras grosseiras. E isso para que os jovens e tolos meninos, enquanto a tendência masculina ainda não se firmou por completo dentro deles, não inventem de ceder à fraqueza de se apaixonar por si mesmos.

Portanto está tudo claro e não pode haver (entre nós) nenhuma dúvida quanto a isso, porém essa ideia é extremamente nociva e não deve ser solta livremente pelo mundo (para que não se aproxime, pelo outro lado, o fim do mundo), no entanto, a questão é: todos vocês são homossexuais sufocados; e assim tem de ser, vocês devem, de uma vez por todas, conceber essa atividade como sendo lamentável e asquerosa e nunca mais nem sequer pensar no assunto.

Mas que todos vocês são nós, isso está claro como a luz do dia.

Se não é assim, digam por que é que vocês amam tanto a si mesmos, isto é, a pessoa do mesmo sexo no espelho? Por que é que os adolescentes se apaixonam platonicamente pelo “cabeça” do bando de seu pátio? Por que é que as pessoas de uma certa idade olham, às vezes

---

<sup>2</sup> O termo pejorativo “*jid*” é usado na Rússia e em outros países de língua eslava para se referir aos judeus; já o pardal, segundo a cultura de alguns países do leste europeu, é considerado um passarinho avarento, pois passa o dia todo procurando alimento e, ao encontrar um pedaço grande, voa para longe para comê-lo sozinho. (N. T.)

com um suspiro, para os jovens, vendo neles a si mesmos, tais quais já não podem ser? Por que é que vocês participam, nas Olimpíadas, da apreciação mundial dos jovens e belos? É claro que, a seus olhos héteros, isso tudo não tem o menor intento amoroso! E nem deve ter! Do contrário, o mundo nitidamente haveria de se polarizar, as paixões dos sexos se fechariam em si mesmas e teria início Sodoma e Gomorra.

Nós, como os escolhidos e os predestinados, devemos ser diferenciados por um traço de hostilidade, para que o nosso exemplo não contagie.

Nossa escolha e nosso desígnio consistem em viver por um amor solitário (inextinguível e interminável).

Uma vez que vocês encontram, ainda na juventude, uma companhia para a vida toda (uma companheira), ainda que olhem para os lados e se separem e depois se juntem com uma outra, mesmo assim estão vivendo, no fundo, no calor familiar e estão livres das buscas diárias por amor, estão livres para toda sorte de trabalho intelectual ou para algum ofício qualquer, ainda que seja o alcoolismo.

Já entre nós, as Flores, as uniões são efêmeras, não estão ligadas nem por frutos nem por obrigações. Vivendo cada hora na espera de novos encontros, nós, as pessoas mais vazias, rodamos nossos discos de canções de amor até morrermos e olhamos com olhos ansiosos para os lados, à espera de novos vocês, novos e jovens.

Mas a melhor flor do nosso povo vazio tem como ninguém a vocação para dançar a dança do amor impossível e docemente cantar sobre ele.

Secretamente, governamos o bom-gosto do mundo. Aquilo que vocês consideram bonito, muitas vezes é determinado por nós, mas vocês nem sempre adivinham isso (o que Rózanov<sup>3</sup> já adivinhava). Evitando em vida muito do que excita vocês, nós, em diferentes séculos e tempos, nos expressamos através de nossos próprios sinais, e vocês os tomaram como expressão da elevação estética ou da beleza da desintegração, como se fosse ela possuíse um sentido universal.

---

<sup>3</sup> Kharitónov refere-se aqui ao raciocínio de Vassíli V. Rózanov (1856-1919) sobre as influências da homossexualidade na cultura mundial no livro *As pessoas da luz da lua* (*Люди лунного света/Liúdi lunnógo sviéta*, 1911), especialmente no capítulo “Os homens-donzelas e seus ensinamentos” (*Муже-девы и их учение/Мује-диэвы i ikh utchiénie*). (N. E.)

Não há nem o que dizer a respeito do fato de que nós frequentemente ditamos para vocês a moda das roupas, somos nós mesmos que mostramos para vocês a admiração pelas mulheres — por aquelas que vocês, por vontade própria, provavelmente não escolheriam. E se não fosse por nós, vocês se curvariam ainda mais fortemente ao sabor do que é literal, dissoluto, cruento. Tendo cautela conosco, mas nem sempre se dando conta disso, vocês atribuíram um alto significado ao que é brincalhão e sem senso prático.

E também está claro como a luz do dia que precisamente tudo que é requintado, astuto, todos os anjos caídos, tudo que está nos colares, nas flores de papel e nas lágrimas, tudo isso Deus leva no coração; é deles o primeiro lugar no Paraíso e o beijo Divino. Os melhores entre os nossos jovens seres que perecerem, Ele fará com que se sentem junto de Si, mais perto do que os demais. E a tudo que for devoto, normal, barbado, a tudo que pode se tornar um exemplo na Terra, a tudo isso o Senhor também assegurará o Seu amor, mas, em Seu coração, secretamente, não poderá amá-los demais.

A lei ocidental permite às nossas flores encontros abertos, nos representa diretamente nas artes, há clubes, assembleias e declaração de direitos — mas quais? E para quê?

Na moral retrógrada da nossa Pátria Russo-Soviética há um intento! Ela faz de conta que nós não existimos, e seu Código Penal vê em nossa existência floral uma violação da Lei; porque quanto mais nós formos notados, mais próximo estará o Fim do Mundo.

## 2 Sobre o autor

Evguéni V. Kharitónov foi um professor de teatro e escritor soviético. Nascido em 1941 na cidade siberiana de Novosibirsk, mudou-se para Moscou ainda jovem para ingressar no Instituto de Cinematografia Guerássimov. Oficialmente, formou-se ator e tornou-se professor do Instituto, dirigindo também alguns estúdios de artes cênicas e peças de teatro. Paralelamente, atuava como escritor e tratava de um tema que não se via na literatura russa há mais de cinquenta anos: a homossexualidade.

O ano de 1969, com a escrita do conto “O forno”<sup>4</sup>, foi um marco na carreira literária de Kharitónov, que a partir daí passou a tratar da homossexualidade de maneira central em seus escritos, tanto em prosa quanto em verso. Evidentemente, a publicação de textos dessa temática, ainda que em *samizdat*<sup>5</sup>, seria impraticável na União Soviética. Para o regime, sob o nome de “pederastia”<sup>6</sup>, a relação entre dois homens era legalmente proibida desde os anos 1930, pelo Artigo 121, que previa até cinco anos de prisão. Mesmo entre os membros da *intelligentsia* ou entre grupos que se identificavam com o “*underground* cultural”, o assunto era um tabu. Tendo em vista tal contexto, é difícil precisar o que levou Kharitónov a escrever justamente a respeito da homossexualidade.

Ao longo de 12 anos, o escritor compôs uma série de textos que retratavam a vivência do homossexual masculino na União Soviética, em nuances ora melancólicas, ora irônicas, escrevendo tanto de maneira alusiva, como abertamente, chegando mesmo às raias da pornografia. Todo seu trabalho culminou numa coletânea, organizada e datilografada pelo próprio Kharitónov, e intitulada *Em prisão domiciliar* (*Под домашним арестом/ Pod domáchnim ariéstom*), em junho de 1981.

A intenção de Kharitónov era lançar essa coletânea em formato *samizdat* e também enviá-la ao exterior, onde poderia ser publicada de maneira mais sofisticada. Com ajuda do colega Evguéni A. Kozlovski (1946), uma cópia foi enviada, junto de uma carta, para os Estados Unidos, aos cuidados do escritor emigrado Vassíli P. Aksiónov (1932-2009). Algum tempo antes, aliás, Kazlovski já enviara outra coletânea ao colega emigrado, intitulada *Catálogo* (*Kamamoz/Katalóg*), com textos seus, de Kharitónov e de outros escritores que compunham o

---

<sup>4</sup> Publicado pela primeira vez em 1971. O conto pode ser lido traduzido em: OLIVEIRA, Y. M. de. “O forno”, de **Evguéni Kharitónov**: um estudo sobre o narrador-personagem. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 14-39.

<sup>5</sup> Termo russo que significa, literalmente, “publicado por si mesmo”. Eram as publicações não-oficiais, que não atendiam às exigências formais e temáticas do regime soviético, e circulavam clandestinamente, datilografadas ou até mesmo em manuscritos.

<sup>6</sup> Em russo, usa-se o termo de origem religiosa *мужеложество/mujelójestvo*, comumente traduzido por “pederastia”. Há de se notar que essa palavra faz referência apenas à prática da relação sexual entre dois homens, associada a ideia de pecado ou crime, não à prática da pederastia (*paiderastia*) greco-latina (em russo, *педерастия/pederástia*).

Clube dos Beletristas, fundado em 1980<sup>7</sup>. Infelizmente, Kharitónov não pôde ver seu livro publicado, nem de um jeito, nem de outro.

Poucos dias após o envio, aos 40 anos recém completados, o escritor sofreu um ataque cardíaco fulminante e faleceu, em plena rua Púchkinskaia<sup>8</sup>, nas redondezas do Teatro Bolchói. Sabe-se que o escritor sofria do coração e que, recentemente, vinha sendo vigiado pela KGB, talvez não pelo conteúdo de seus textos ou por sua vida pessoal<sup>9</sup>, mas sim por sua participação no Clube dos Beletristas, que não recebera autorização oficial para se organizar e publicar. Poucos dias depois de sua morte, seu apartamento foi revistado pela milícia de Moscou e muitos de seus escritos foram confiscados. Por sorte, amigos tiveram tempo de guardar e esconder parte desse material antes da busca<sup>10</sup>.

Nos anos seguintes, os textos de Kharitónov circularam esporadicamente em revistas e jornais *samizdat*, em Moscou e Leningrado, bem como no estrangeiro, em cidades como Nova York e Paris, também em publicações informais. Apesar de ter sido recebida por Aksiónov nos Estados Unidos, a coletânea *Em prisão domiciliar* só viria a ser publicada, na forma prevista por Kharitónov, nos anos 1990, já depois do fim da União Soviética e da retirada do dito “homossexualismo” da lista de transtornos mentais da OMS, e da “pederastia” do código penal russo.

Poucos textos de Kharitónov possuem uma datação precisa. Levando em consideração, porém, a data atribuída à composição de “O forno” e a data de morte do escritor, é possível delimitar quase a totalidade de sua produção à década de 1970. De uma maneira geral, o final dos 1960 e começo dos 1970 são considerados um período de relativa estabilidade na URSS, tanto na política quanto na economia, com a consolidação de uma população urbana e de uma educação em massa, desde o nível básico ao superior. As grandes cidades, principalmente

---

<sup>7</sup> Para mais informações a respeito do Clube dos Beletristas e da biografia de Kharitónov cf. OLIVEIRA, 2019, p. 150-157.

<sup>8</sup> Atualmente, rua Bolchaia Dmítrovka.

<sup>9</sup> Ao que tudo indica, a única notícia concreta de uma investigação envolvendo Kharitónov se deu em 1978, quando o escritor foi chamado a depor após o assassinato de um amigo, Aleksandr Volkov (MORÉIEV, G. *Примечания* [Comentários]. In: KHARITÓNOV, E. *op. cit.*, p. 519).

<sup>10</sup> Temos poucas informações a respeito da vida de Kharitónov e, muitas vezes, as que temos são contraditórias. A maior parte delas vem das lembranças de amigos e conhecidos presentes no segundo volume de *Lágrimas nas flores* (*Слёзы на цветах/Sliózy na tsvietakh*), organizado por Iaroslav Mogútin nos anos 1990.

Moscou, tornaram-se, mais do que locais de trabalho e estudo, locais de encontros e desencontros, abrigando os mais diversos grupos sociais. Incluindo aí os homossexuais<sup>11</sup>.

Obter uma moradia e um visto de permanência em Moscou, porém, não era tão simples. Por conta disso, durante esse período, havia um verdadeiro “mercado” de casamentos de conveniência, uma vez que o matrimônio era a melhor maneira de garantir tanto uma casa quanto um visto vitalício. Esse foi um recurso recorrente tanto entre heterossexuais quanto homossexuais<sup>12</sup>. O próprio Kharitónov chegou a se casar, em meados dos anos 1970, com uma bailarina de nome Ksénia Slepúkhina — era ela quem precisava do visto de residência; Kharitónov, por sua vez, obteve com isso um disfarce para qualquer denúncia pelo Artigo 121<sup>13</sup>.

Embora Moscou oferecesse alguns locais de encontro aos homossexuais (em geral, no centro<sup>14</sup>), isso não quer dizer que houvesse ali uma vida e uma cultura homossexual especialmente agitadas. Todo e qualquer encontro estava sob a possível ameaça da milícia local e mesmo da KGB, que muitas vezes chantageava homossexuais para atuarem como espiões de seus “companheiros”<sup>15</sup>. Grandes marcos da luta LGBTQ+ no Ocidente do final dos anos 1960 pelos 1970 não foram sentidos na URSS: Stonewall e outros acontecimentos não encontraram ecos nas ruas soviéticas — e nem poderiam, pensando no modo de vida soviético, suas leis e a própria Guerra Fria<sup>16</sup>.

Tudo isso, é claro, não inviabiliza uma vivência homossexual no território. E os textos de Kharitónov, como “Folheto”, escritos nesse contexto urbano movimentado, porém incerto, são prova disso.

---

<sup>11</sup> HEALEY, D. *Russian Homophobia from Stalin to Sochi*. New York: Bloomsbury Academic, 2017. p. 91-2.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 98.

<sup>13</sup> KONAKOV, A. “Евгений Харитонов биография (Фрагмент из биографического исследования Алексея Конакова)” [Evguénii Kharitónov, uma biografia (Fragmento da pesquisa biográfica de Aleksei Konakov)]. **Colta.Ru**, 19 de junho de 2019. Disponível online.

<sup>14</sup> Os principais pontos de encontro, nas décadas de 1970 e 1980, eram o arco arredor do Kremlin e da Praça Vermelha, incluindo os banheiros subterrâneos do jardim Alexandre (HEALEY, 2017, p. 99).

<sup>15</sup> GESSEN, Macha (org.). *Права гомосексуалов и лесбиянок в Российской Федерации* [Direitos dos homossexuais e lésbicas na Federação Russa]. IGLHRC: San Francisco, 1994, p. 18.

<sup>16</sup> cf. HEALEY, D. *Op.cit.*, p. 97-104.

### 3. Analisando “Folheto”

Para dar início à análise, é importante observar que “Folheto” costuma ser associado a uma passagem de outro texto, a novela *Asas* (1906), de Mikhail I. Kuzmin (1872-1936)<sup>17</sup>. Espécie de “romance de formação”, por assim dizer, a novela de Kuzmin acompanha Vânia, um jovem de 16 anos, em sua descoberta da homossexualidade. Como manda o figurino clássico, um homem mais velho, ilustrado (entendido), aparece na narrativa como disparador dessa descoberta e, posteriormente, como mentor do jovem. No caso de Vânia, esse homem é Larion Stroop, um aristocrata de ascendência inglesa.

Em uma das reuniões com seu círculo mais seleto de amigos, Stroop profere o seguinte discurso:

Nós somos helenos. Estranhamos a intolerância do monoteísmo judaico-cristão: sua rejeição das artes plásticas e, ao mesmo tempo, o seu apego à encarnação, aos filhos e à descendência. Em toda a Bíblia não há uma única indicação sobre a convicção de deleite do além-túmulo, e a única recompensa mencionada nos Dez Mandamentos é que “teus dias serão longos sobre a terra”. E, lá, está justamente em respeito àqueles que deram a vida.

Para os judeus, o casamento sem filhos é estigma e maldição; priva as pessoas até mesmo do direito de participar do ofício religioso. Eles se esquecem de que, segundo a crença europeia, o trabalho e até a procriação são castigos por causa do pecado original e não a finalidade única da vida. Ora, se os europeus veem pecado no trabalho e na procriação, isso os torna pecadores. Os cristãos têm uma visão distorcida, segundo a qual a mulher se purifica com orações depois de dar à luz e não logo após o casamento. Mas o homem, ao contrário, não está sujeito a nada semelhante.

O amor não tem outro fim, exceto o seu próprio. A natureza também está desprovida de qualquer ideia de finalidade. As leis da natureza são de uma ordem completamente diferente das assim chamadas “leis de Deus” e “leis do homem”. A lei da natureza não diz que determinada árvore deve produzir sua fruta. Diz que, em certas condições, a árvore deve murchar e morrer, da mesma maneira como teria nascido, simples e naturalmente. Se um coração é perfurado com um punhal, ele pode deixar de bater, e nisso não há nenhuma finalidade, nenhum bem ou mal. Na realidade, só pode romper as leis da natureza aquele que for capaz de beijar seus próprios olhos, sem arrancá-los do lugar ou, então, conseguir ver, sem espelho, a parte de trás da própria cabeça.

Portanto, quando lhes disserem: “é antinatural”, apenas deem uma olhada no cego que lhes falou e sigam adiante. Não façam como os pardais que voam e se espalham ao ver o espantalho na horta. As pessoas andam como se estivessem cegas, como se estivessem mortas, enquanto poderiam constituir uma vida excitante, uma vida em que o prazer seria tão intenso que você poderia morrer pouco depois de ter nascido.

É com essa ideia na mente que devemos nos entregar à vida. A cada passo que damos, os milagres se amontoam em volta de nós: há músculos, nervos do corpo humano para o que não se pode olhar sem tremor! Eles ligam a ideia de beleza à beleza de

---

<sup>17</sup> MORÉIEV, G. *Примечания* [Comentários]. In: KHARITÓNOV, E. *Op. cit.*, p. 532.



uma mulher, que é o objeto da luxúria vulgar do homem e que, por isso, leva este homem cada vez mais para longe da ideia verdadeira de beleza.

Somos helenos, amantes do Belo, bacantes dos dias futuros. Como as visões de Tannhauser na Gruta de Vênus, como as inspiradas revelações de Klinger e Thomas, em algum lugar se encontra o reino dos nossos antepassados, cheio de esplendor do sol, cheio de liberdade, de pessoas belas e corajosas, e para lá velejaremos, meus argonautas, através dos mares, do nevoeiro e da escuridão. Iremos descobrir raízes antigas em coisas novas e inauditas. Nas visões cintilantes nunca antes vistas, intuiremos a nossa pátria!<sup>18</sup>

Com grande repercussão em sua época, *Asas* se tornou o primeiro texto da literatura russa a tratar abertamente e de maneira central da homossexualidade. O discurso de Stroop foi bem aceito e aplaudido por grande parte da “comunidade homossexual” de São Petersburgo que, na época, levava uma vida agitada e até mesmo gozava de relativa visibilidade nas camadas mais altas da sociedade<sup>19</sup>. A novela foi também bastante comentada na imprensa e nos círculos literários, rendendo elogios e críticas a Kuzmin, que, como escritor, não deixou de ter, por isso, um lugar de destaque na literatura nos anos seguintes. Depois da Revolução e com a consolidação do estado soviético, porém, a carreira de Kuzmin ficou restrita a algumas traduções, e suas obras, especialmente as de temática homossexual, foram caindo no esquecimento e até não mais serem publicadas.

Ainda que não possamos precisar de que maneira, não podemos deixar de supor que Kharitónov tenha tido contato com alguns de seus textos, especialmente *Asas*, já que “Folheto”, de fato, guarda algumas semelhanças com o discurso de Stroop.

Logo de início, Kharitónov anuncia, como Kuzmin: “Somos”. Porém não “somos helenos”, palavra que remete ao imaginário de um povo antigo e cheio de glória, e sim “flores estéreis e perniciosas”. Esse tom aparentemente fatalista e algo grandiloquente, porém, já se perde logo em seguida, com a afirmação sarcástica de que “nós”, como flores, devemos ser colocados em jarros para servir de enfeite. Nas escolhas lexicais de cada autor, nota-se que as imagens clássicas usadas por Kuzmin para se referir aos homossexuais (helenos, argonautas) são todas masculinas e idealizadas, símbolos de força e coragem, enquanto Kharitónov desde início compara os homossexuais às flores, símbolos tradicionais do que é feminino, belo e

---

<sup>18</sup> KUZMIN, M. *Asas*. São Paulo: Editora Z, 2003. p. 47-49.

<sup>19</sup> Cf. BERSHTEIN, E. An Englishman in the Russian Bathhouse: Kuzmin’s Wings and the Russian Tradition of Homeric Writing. In: PANOVA, L.; PRATT, S. (org.). *The Many Facets of Mikhail Kuzmin: A Miscellany*. Bloomington: Slavica, 2011. p. 75–87.

encantador, porém frágil e passageiro. Fica clara, então, uma diferença crucial entre os dois textos: enquanto um elogia e idealiza o homossexual e seu modo de vida, o outro, ao longo do texto, trata essa mesma figura sem grandes idealizações e, às vezes, até mesmo com sarcasmo.

Outra diferença a ser destacada, além do fato de um texto fazer parte de uma obra literária de ficção e o outro se constituir como um texto crítico autônomo, é a marcação dos interlocutores. No enredo de *Asas*, Stroop se dirige a um círculo de amigos íntimos (todos “helenos”), incluídos no “nós” que abre o texto e com os quais ele se identifica diretamente. Nota-se, então, que sua fala é direcionada a personagens que são como ele e que compartilham uma mesma visão de mundo — assim como parte do público leitor, presume-se. Por conta disso, o discurso tem um tom amigável, convidativo, pois quem o declama sente-se à vontade para falar, sabe bem a respeito de quê e com quem está falando. Já no caso de “Folheto”, a situação é bem diferente: o interlocutor de Kharitónov não faz parte do “nós” anunciado no começo do texto, faz parte de outro grupo, um “vocês” marcadamente heterossexual, então o tom usado também precisa ser outro. É por isso que notamos algo de sarcástico e provocativo em algumas passagens, como que buscando chamar a atenção desses “vocês” e também, em certa medida, criticá-los por seus preconceitos.

A relação que cada texto estabelece entre os homossexuais, os judeus e a religião é também distinta. Se Stroop logo de início já critica a “intolerância monoteísta judaico-cristã” e procura afastar os “helenos” dessa realidade, Kharitónov, ao contrário, apresenta a ideia de que existe algo em comum entre os homossexuais e os judeus. Ao dizer “Nossa questão, de alguma forma, se parece com a dos judeus”, o escritor propõe uma aproximação entre esses dois grupos historicamente estigmatizados e marginalizados na sociedade russo-soviética.

Desde os tempos do Império, a Rússia promoveu perseguições aos judeus, muitas vezes violentas. Na União Soviética, a perseguição prosseguiu, às vezes de maneira mais velada, às vezes de maneira escancarada. Logo após a Segunda Guerra e até a morte de Stálin, o antissemitismo ganhou força através do discurso político que pintava os judeus como cosmopolitas e “inimigos do povo”, o que resultou, entre outros eventos, na dissolução do Comitê Antifascista Judaico (CAJ), no assassinato de seu presidente, o ator Solomon Mikhoels (1890-1948), bem como na expulsão de milhares de judeus dos arredores de Moscou para regiões siberianas. A própria farsa do Complô dos Médicos Judeus, que supostamente teria

assassinado Stálin, é um exemplo patente do ódio soviético aos judeus<sup>20</sup>. Nas décadas seguintes, esse antissemitismo permaneceu de outras maneiras, impedindo, por exemplo, que judeus acessassem determinados cargos e ingressassem em determinadas universidades<sup>21</sup>. Portanto, anda que não fosse proibido por lei, como as práticas homossexuais, ser judeu não deixava de ser uma estigma na sociedade soviética e trazia dificuldades a todos que pertenciam a esse grupo.

No texto de Kharitónov, tanto homossexuais quando judeus são alvos de piadas e grosserias do “pensamento literal, rude e sadio do povo simples”, que servem para lembrá-los de seu “devido lugar”. Esse “discurso popular”, por assim dizer, é reflexo do discurso político que, como visto, criou diferentes maneiras de perseguir tanto um grupo quanto o outro. Dentro de uma sociedade como a soviética, sob uma suposta ameaça constante dos mais diversos inimigos, o judeu e o homossexual se tornam alvos facilmente identificáveis. De fato, ao longo do tempo, ambos esses grupos foram largamente associados a diferentes tipos de “inimigos”: aos burgueses, aos capitalistas, aos fascistas...<sup>22</sup>

A associação de homossexuais e judeus encontra eco também na tradição cristã. As noções de impureza e pecado são associadas à homossexualidade, principalmente quando se fala das cidades de Gomorra e Sodoma. A figura do judeu, por sua vez, aparece de forma quase tão condenável quanto a do homossexual, por representar o povo que “crucificou” Jesus Cristo. Dentro desse imaginário, é especialmente marcante a lenda do Judeu Errante, condenado a vagar pelo mundo por ter escarnecido do Cristo na *via crucis*. Sinal de mau agouro, o Judeu Errante não tem um destino certo nem pode ter uma vida plena, criar raízes e dar frutos — tal qual o homossexual, na visão cristã, e também (aparentemente) na do próprio Kharitónov, que os coloca como flores não num jardim, mas em jarros, ou seja, como flores destinadas a murchar e desaparecer.

---

<sup>20</sup> O antissemitismo soviético, suas origens e repercussões está largamente documentado em pesquisas diversas. Para este artigo, cf. FIGES, O. **Uma história cultural da Rússia. Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2017. p. 599-601; e FIGES, O. **Sussurros**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2019. p. 516-519.

<sup>21</sup> Cf. FRENKEL, E. The fifth problem: math e anti-Semitism in the Soviet Union. Trecho do livro *Love and Math* (2012). Disponível *online*.

<sup>22</sup> No caso da associação dos homossexuais à figura do “inimigo”, podemos lembrar o folheto “Humanismo Proletário”, de Górkí, que afirmava: “Destruam o homossexualismo e o fascismo desaparecerá” (Jornal *Pravda*, Moscou, 23 maio 1934).

Apesar dessa aproximação entre judeus e homossexuais em “Folheto” para tratar do tema do preconceito, podemos notar que o texto não deixa de ter um resquício de antissemitismo. Por que a palavra “*jíd*” é usada explicitamente (chegando mesmo a ser associada a outro estereótipo negativo, o do pardal), enquanto o vocabulário pejorativo para os homossexuais não é citado? Por que se fala sempre em “flores” e nunca em “pederastas”, termo usado na época com diversas variações<sup>23</sup>? Ainda que teça aproximações entre os dois grupos, Kharitónov parece querer dizer que não há uma *proximidade* entre eles. Sim, são ambos vítimas do preconceito e da violência do regime, mas, ainda assim, flores são flores, e *jids* são *jids*. Não à toa, as áreas de atuação “destinadas” a cada grupo são distintas.

Se a esfera de atuação dos judeus deve ser os negócios ou, maximamente, a “arte sem *páthos*”, a esferas de atuação dos homossexuais, essa espécie “leviana e floral”, é (previsivelmente) as artes, em especial o balé, “a mais vazia arte dos não-me-toques” — e na escolha desse termo podemos notar ainda mais uma vez o tom sarcástico do texto. Assim como a associação do judeu à figura do comerciante, a relação entre o homossexual ao balé e mesmo às artes em geral é um lugar-comum no imaginário ocidental. Pensando no contexto da União Soviética, que herdou dos tempos imperiais a tradição e o renome do balé russo, a associação parece um tanto quanto ousada e provocativa.

Desde fins do século XIX, o balé constitui um dos principais elementos da cultura russa. Foi no começo do século XX, porém, que ele se tornou (inesperadamente) uma “fonte de inovação artística” para Rússia<sup>24</sup>, através dos *Ballets Russes*, companhia organizada pelo empresário Serguei P. Diáguilev (1872-1929), sabidamente homossexual<sup>25</sup>. Além da música, coreografia e figurinos modernos e inusitados, que escandalizaram o público dentro e fora da Rússia e fizeram história, a companhia era conhecida também pelos diversos romances entre os bailarinos, algumas vezes com o próprio Diáguilev. Talvez por conta da importância histórico-cultural da companhia e da notoriedade dos relacionamentos homoafetivos entre os bailarinos é que se tenha firmando, no imaginário russo, essa associação entre a homossexualidade

---

<sup>23</sup>Dentre elas, “*pidor*” e “*piédik*” (HEALEY, 2017, p. 36).

<sup>24</sup> FIGES, O. **Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2017, p. 338.

<sup>25</sup> Diáguilev foi de grande importância para as artes entre as décadas de 1890 a 1910, sendo editor da famosa revista vanguardista *O Mundo da Arte* (*Мир Искусство/Mir Iskústvó*). Há de se notar, ainda, que nesse período a associação dos homossexuais às artes e à esfera cultural tornou-se algo corriqueiro, já que houve uma “emergência massiva de lésbicas e homens gays na cena cultural russa” (KARLINSKY, 1997, p. 22).

masculina e o balé<sup>26</sup>. Já em contexto soviético, onde o balé seguia em alta e era um dos motivos de orgulho do regime<sup>27</sup>, esse imaginário do homossexual bailarino não deixou de existir, embora a homossexualidade fosse mais que nunca um tabu e uma questão legal. Em 1961, um episódio, certamente, acabou por trazer à tona o assunto e chamou a atenção do mundo: o já famoso bailarino Rudolf K. Nuréiev (1938-1993) pediu asilo em Paris, temendo principalmente a perseguição política por sua sexualidade.

Levando esse imaginário em consideração, parece lógica a aproximação de Kharitónov de suas “flores” com o mundo do balé. Ao fazer isso, o escritor lança mão de um lugar-comum, um estereótipo, pode-se dizer, apresentando a esfera de atuação esperada de um homossexual. Ao mesmo tempo, porém, essa aproximação não deixa de ser uma provocação ao regime, afirmando com todas as letras que o balé, um dos grandes bens culturais soviéticos, nada mais é que um reduto de homossexuais — e todos sabem disso, tanto que pode servir de exemplo no texto.

Apresentando como referências esse clichê do homossexual, Kharitónov parece deixar evidente o tom irônico de seu texto: é óbvio que existem homossexuais atuando nas mais diversas esferas de trabalho, da mesma forma que existem heterossexuais atuando no balé. Entretanto, aos olhos normativos (e potencialmente míopes) das pessoas heterossexuais, os homossexuais estão restritos ao âmbito da dança e é assim que deve ser. Com isso, tem-se que o escritor não apresenta uma imagem *real* dos homossexuais, mas sim um *estereótipo* da imaginação heterossexual, da mesma forma que o judeu comerciante é um estereótipo criado por aqueles que não são judeus. Com isso, o texto não deixa de ter um traço de crítica e mesmo deboche em relação a essa visão reducionista do olhar heterossexual, que não consegue enxergar além do lugar-comum.

Mais adiante no texto, o autor dirige-se diretamente aos interlocutores heterossexuais e afirma que são todos “homossexuais sufocados”. Buscando justificar essa afirmação, ele lança mão de outro lugar-comum, desta vez advindo da psicanálise freudiana: o narcisismo. Nesse “quadro”, a escolha do objeto de desejo masculino não se dá “em consonância com o modelo

---

<sup>26</sup> Como exemplo desse imaginário, podemos citar, ainda, o primeiro romance de Nabókov, *Máchenka* (1926), no qual duas das personagens secundárias são os bailarinos Kólin e Gornotsviétov, que vivem juntos no mesmo quarto da pensão e são constantemente descritos como sendo delicados e afeminados.

<sup>27</sup> FIGES, O. *Op. cit.*, p. 527.

materno, mas de acordo com seus próprios eus”<sup>28</sup>. O que para Freud entraria no campo da perversão, porém, para Kharitónov é algo natural: é por isso que os homens “amam a si mesmos, isto é, a pessoa do mesmo sexo no espelho”; é por isso que existe o amor platônico pelo líder do “bando do pátio”<sup>29</sup> e, ainda, “a apreciação mundial dos jovens e belos”. Tudo parece comprovar que existe dentro de cada homem heterossexual uma homossexualidade “latente”<sup>30</sup>, por assim dizer, baseada essencialmente na admiração e na atração daquilo que é igual a si próprio.

A seguir, ao trazer para seu argumento os jogos Olímpicos, Kharitónov, por um lado, mobiliza certo imaginário grego da contemplação dos atletas e do cuidado com o corpo, e reaproxima-se assim, em certa medida, do texto de Kuzmin e da imagem dos helenos-homossexuais “amantes do Belo”. Por outro lado, o autor traz, também o imaginário e a cultura soviéticos, já que o esporte e os exercícios físicos estavam associados não apenas à força, beleza e juventude, mas também (e principalmente) à imagem do “verdadeiro comunista”<sup>31</sup>. Largamente retratado em cartazes e pôsteres de propaganda oficial, o corpo masculino idealmente atlético pode assumir contornos (homo)eróticos, a depender do olhar, como nota o próprio Kharitónov.

Nesse ponto, parece novamente haver ainda mais uma provocação ao regime, da mesma forma que há quando se fala da relação entre o balé e a homossexualidade. Uma vez que a União Soviética foi uma das maiores vencedoras de medalhas nas competições olímpicas, soa como um acinte afirmar que o maior interesse em participar desses jogos, ou somente assisti-los, é meramente admirar o corpo de homens jovens e fortes. Toda essa fruição do belo através do corpo masculino seria parte de um desejo latente e não pode (nem deve) ser de fato

---

<sup>28</sup> VIEIRA, L. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 504, jun. 2009.

<sup>29</sup> Nesse exemplo trazido por Kharitónov, podemos lembrar a novela de Tolstói, *Infância* (1852), onde o protagonista, Kólia, apaixona-se justamente por Serioja Ívin, espécie de líder (o “cabeça”) do grupo de meninos da região.

<sup>30</sup> Este trecho do texto de Kharitónov lembra também, em certa medida, a argumentação de Marilyn Frye em *The politics of reality* (1983). Nesse livro, a autora diz que a heterossexualidade masculina se resume às práticas sexuais com o “outro sexo”, porém, no âmbito afetivo, a vivência dos homens heterossexuais é essencialmente homoafetiva. “Os objetos de admiração e o respeito desses homens são sempre outros homens (heterossexuais, como eles)” (p. 134-35).

<sup>31</sup> YANG, L. “A study of sport as a political tool under Communism”. In: **Writing 20**, Spring 2007, p. 21.

entendido pelos “olhares héteros”. Se esse desejo fosse notado e entendido como tal, seria o início do fim, o caminho para Sodoma e Gomorra.

Depois de tratar dos “outros”, Kharitónov passa a tratar do “nós” e surge então a ideia da predestinação e da solidão da vida homossexual<sup>32</sup>. O amor floral, como colocado no texto, parece uma eterna busca pela beleza e a juventude, sendo por isso sempre efêmero. Nessa solidão inerente às “flores”, nota-se outra diferença de “Folheto” em relação ao texto de Kuzmin, que pinta um quadro de camaradagem eterna entre os “helenos”. Ainda a respeito disso, vale observar que o discurso de Stroop é, essencialmente, um discurso sobre amor, da possibilidade e da defesa do amor “entre iguais”, enquanto o folheto de Kharitónov pouco fala desse amor e ainda o apresenta como sendo raso e passageiro. Embora possa parecer superficial, essa afirmação tem um possível fundo de verdade, ainda mais em contexto soviético.

Em uma sociedade vigiada e controlada, em que a homossexualidade é proibida por lei, parece não haver qualquer possibilidade de se construir um relacionamento duradouro entre dois “iguais”. Assim, valem mais as relações efêmeras, passageiras. Se os helenos de Kuzmin estão predestinados a velejar rumo a um reino cheio de esplendor do sol, cheio de liberdade, de pessoas belas e corajosas e lá prosperar<sup>33</sup>, o destino das flores de Kharitónov é um breve e (com sorte, viçoso) florescer seguido de um solitário murchar dentro de um jarro, almejando somente um vislumbre da próxima floração.

Curiosamente, porém, se Kharitónov escreve que as flores homossexuais levam uma vida vazia, “ouvindo discos de canções de amor até morrer” à espera de novos jovens e belos rapazes, a vida heterossexual não parece ser menos vazia. Ainda que se viva “no calor familiar”, corre-se o risco de encontrar um único ofício: o alcoolismo. Nesse desfecho vemos mais uma referência à realidade soviética, afinal o alcoolismo foi e continua sendo, na Rússia de hoje<sup>34</sup>, um dos grandes problemas sociais do país. Não seria esse o reflexo do vazio de uma vida heterossexual artificial, compulsória (como praticamente tudo, aliás), da União Soviética?

---

<sup>32</sup> O tema da solidão do homossexual e da impossibilidade do amor são lugares-comuns na obra de Kharitónov, tanto em prosa quanto em verso.

<sup>33</sup> O desfecho da novela, aliás, ecoa justamente essa ideia, com a ida de Vânia para Itália, levado por Stroop.

<sup>34</sup> O alcoolismo é um problema social de longa data na Rússia, largamente noticiado até hoje em diversos veículos de comunicação. Tanto no Império quanto na União Soviética, diversas campanhas fracassaram em solucionar a questão.

Prosseguindo em sua argumentação, Kharitónov faz menção a Vassíli V. Rózanov<sup>35</sup>, escritor e filósofo da mesma geração que Kuzmin, e sua obra mais famosa, *Pessoas da Luz da Lua*. Nesse livro, o filósofo traça uma série de perfis, de forma quase taxonômica, do que hoje poderíamos chamar de “sexualidades”. Vale notar, porém, que as ideias de Rózanov têm muito mais a ver com “teorias abstratas do que com qualquer conhecimento concreto da vida homossexual”<sup>36</sup> e é fortemente inspirado por uma teologia cristã, por mais contraditório que isso possa parecer, a princípio.

Das teorias de Rózanov, “Folheto” alude um certo tipo de homossexual, o “homem-donzela”<sup>37</sup>, caracterizado especialmente pelo elevado grau espiritual e o bom-gosto, definição que não deixa de ecoar, também, o texto de Kuzmin. Essas características, pelo que diz Kharitónov, são de grande importância e pautam não apenas a vivência homossexual, mas também o mundo dos heterossexuais. Partindo disso, o escritor aponta que, ao longo da história, os “sinais” da homossexualidade foram vistos pelo olhar da heterossexualidade como “expressão da elevação estética ou da beleza da desintegração, como se fosse ela a possuidora de um sentindo universal”, ao mesmo tempo que também foram vistos como algo “brincalhão” e “sem senso prático”. Apesar dessa última interpretação brincalhona e leviana, nota-se que há também um senso prático nos homossexuais e este é necessário aos heterossexuais nas mais diversas esferas, até mesmo na vida pessoal, na escolha de uma companheira (uma que “vocês, por sua própria vontade, provavelmente, não escolheriam”).

Kharitónov observa, ainda, que, se não fosse pela presença e ação (imperceptível) dos homossexuais, é bem possível que os homens heterossexuais acabassem se curvando unicamente a seus instintos, ao que é “literal, dissoluto, cruento”. Essa concepção de uma masculinidade instintivamente violenta parece vir também do livro de Rózanov: em suas escalas sexuais, o filósofo define um heterossexual masculino que, em sua potência, é encarnado pela figura dos antigos guerreiros, cuja força e ímpeto precisavam encontrar vazão

---

<sup>35</sup> As ideias de Rózanov tiveram bastante eco na literatura e filosofia russa dos anos 1900 e 1910. Durante o regime soviético, seus textos foram deixados de lado e alguns chegaram a ser proibidos. Mesmo assim, Kharitónov teve algum acesso a essas leituras, pois faz referência ao escritor e a *Pessoas da Luz da Luz* mais de uma vez na coletânea *Em prisão domiciliar*.

<sup>36</sup> MOSS, K. Selections from People of the Moonlight of Vasily Rozanov. In: MOSS, K. *Out of the Blue: Russia's Hidden Gay Literature. An Anthology*. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1997. p. 142.

<sup>37</sup> ROZANOV, V. Female-Male and their teaching. In: MOSS, Kevin (org.). *Op.cit.*, p. 145.



nas grandes batalhas<sup>38</sup>. Assim, se anteriormente Kharitónov afirma que, caso houvesse espaço para que os homossexuais florescessem abertamente, haveria o fim do mundo (Sodoma e Gomorra), agora, analisando a figura do homem heterossexual como um ser instintivamente propenso à guerra, podemos imaginar que uma extinção completa das “flores” e suas influências poderia significar o fim do mundo por outro caminho, em um imenso campo de batalha. Para uma manutenção da ordem do mundo, é necessário que haja uma influência floral, equilibrando os ímpetos de uma masculinidade violenta e belicosa. É necessária a coexistência entre esses dois mundos, é necessário que as flores estejam presentes, ainda que em seus jarros, trazendo beleza e suavidade.

Nas linhas finais do texto, a tradição cristã reaparece de forma mais explícita. As flores de Kharitónov parecem ter como alento a ideia de que Deus as ama, e até mais que os héteros, representantes do que é “normal, barbado”, de “tudo que pode servir de exemplo na Terra”. Esse trecho, remete a passagens bíblicas das mais conhecidas: “os humilhados serão exaltados” (Lucas 14:11, 18:14; Mateus, 23:12; Ezequiel 21:26) e “os últimos serão os primeiros” (Lucas 13:30). De fato, essas são ideias que podem parecer reconfortantes, mas não deixam de ter um quê de ironia e contradição, como parece sempre ocorrer dentro da argumentação de “Folheto”: por um lado, condenação moral e religiosa da homossexualidade perde a razão de ser, uma vez que renegar e maltratar alguém nada mais é do que lhe garantir a entrada ao Reino dos Céus; por outro, de pouco ou nada vale buscar esse tipo de alento na União Soviética, onde a religião foi oficialmente abolida.

Ao mencionar o Ocidente e a vida homossexual por lá, os “encontros abertos”, as representações nas artes, os clubes, as assembleias e a declaração de direitos, Kharitónov se pergunta: tudo isso para quê? Parece haver, aqui, a sugestão de que tudo isso não passa de uma maneira de normalização da vida floral, ao mesmo tempo em que não podemos descartar um certo ressentimento dessa vida ocidental mais livre. Em seguida, o autor reafirma que existe um intento na perseguição e condenação dos homossexuais: “quanto mais nós formos notados, mais próximo estará o Fim do Mundo”, isto é, o fim do mundo heterossexual, da família nuclear, o mundo que permite que o Estado Soviético controle a tudo e a todos.

---

<sup>38</sup> ROZANOV, V. Sex as progression of deceasing and increasing quantities. In: *Idem*, p. 144-45.

Chegando ao fim do texto, a metáfora inicial das flores reforça a ideia de uma sociedade controlada. Para que possam existir na União Soviética, os homossexuais precisam estar em jarros, contidos. Esses jarros são as artes, a dança, é ali que eles devem ficar e de lá, talvez, exercer alguma influência, secando aos poucos. As flores não podem nunca estar nos jardins e campos, deitando raízes, misturando-se a outras e ganhando o mundo.

#### 4 Considerações finais

Em “Folheto”, alternando seriedade e sarcasmo, Kharitónov constrói uma imagem do homossexual e de sua existência na União Soviética. Com a metáfora das flores, o autor traz à cena uma série de lugares-comuns que associam o homossexual ao que é belo e frágil e desenvolve a ideia de que a presença floral é importante na manutenção de um certo equilíbrio na sociedade, portanto elas não podem ser exterminadas. Assim, mesmo que limitados a determinadas esferas, os homossexuais conseguem se fazer presentes e não só: são necessários ao mundo. Vêm deles as impressões do que é belo, vêm deles o equilíbrio para tudo que é essencialmente masculino, cruento, rústico. Não pode haver, porém, uma total liberdade dessas flores, elas precisam ser contidas e vigiadas, e, para isso são colocadas em jarros.

Ao aproximar o homossexual do judeu, Kharitónov deixa evidente a necessidade da manutenção de uma ordem social que passa necessariamente pelo escárnio e pela grosseria. Escarnecer da diferença é colocar aquele que é diferente em seu devido lugar, é contribuir com a ordem das coisas. As esferas de atuação limitadas são também essenciais para essa manutenção de uma ordem, assim judeus devem ser comerciantes e homossexuais devem ser bailarinos para que a sociedade soviética continue seguindo seu caminho.

Além de referências, diretas ou indiretas, a outros escritores como Kuzmin e Rózanov, Kharitónov referencia também os textos bíblicos e apoia-se em ideias fundamentais do cristianismo, como o perdão e a exaltação dos humilhados. O autor faz uso, ainda, de referências a elementos importantes da cultura soviética, como o balé e os esportes. Tudo isso é usado de forma a construir um texto que tanto faz uma defesa da homossexualidade, quanto critica e provoca a heterossexualidade. Assim, se algumas das imagens apresentadas do homossexual parecem estereótipos e não figuras reais, isso serve justamente de crítica a esse

olhar estereotipado, ou seja, torna-se uma crítica ao modo de vida controlado e (hetero)normativo da sociedade soviética.

Na conclusão do texto, a possível crítica aos direitos conquistados pelos homossexuais do Ocidente não deixa de ter uma ponta de despeito, afinal, vem de um lugar onde a existência do homossexual é punida por lei. Mais importante, porém, são as perguntas feitas, que parecem apontar que os direitos conquistados não deixam de ser, no fundo, uma normatização da vida homossexual.

Embora escrito na década de 1970, a primeira publicação de “Folheto” só ocorreu em 1985<sup>39</sup>. Ao longo dos anos 1990, o texto foi publicado em periódicos *samizdat*, na edição russa de *Em prisão domiciliar* (1993) e traduzido para o alemão (1996) e o inglês (1998)<sup>40</sup> e foi nessa década que o texto passou a ser conhecido como “manifesto homossexual”. De fato, por sua estrutura argumentativa e por tratar de um tema delicado como a homossexualidade, “Folheto” se assemelha mesmo a um manifesto, ainda que não tenha tido circulação, o que pode colocar em dúvida a pertinência de tal definição.

Se pensarmos em textos como o Manifesto Comunista ou o Manifesto Futurista ou, ainda o próprio discurso de Strop, em *Asas* (também um manifesto, a seu modo), vemos que esses textos tiveram sua importância histórica *no momento* em que foram escritos. São textos que geraram discussões e repercussões de todo tipo, positivas e negativas, movimentos a favor e contra. Já o texto de Kharitónov, ainda que certamente apresente imagens e concepções da homossexualidade de seu tempo, pouco ou nada pode ter representado para a sociedade soviética como um todo ou mesmo para os homossexuais dos anos 1970, pois dificilmente o texto chegou a ser lido por um número significativo de pessoas na época em que foi escrito (o que aconteceu, aliás, com imensa maioria dos textos do escritor). Assim, talvez possamos dizer que “Folheto” ficou como manifesto que não se realizou. Ou então, talvez, um manifesto para o futuro, para quando pudesse ser lido e ouvido.

---

<sup>39</sup> O texto apareceu pela primeira vez como parte do livro *A gíria da subcultura homossexual na Rússia (Арго русской гомосексуальной субкультуры/Argo russkoi gomosseksualnoi subkultury)*, de Vladimir Kozlovsky, nos Estados Unidos (OLIVEIRA, 2019, p. 156).

<sup>40</sup> *Unter Hausarrest* (trad. Gabriele Leupold. Berlim: Rowohlt Berlin, 1996); *Out of the Blue* nos Estados Unidos (org. Kevin Moss. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1996); *Under House Arrest* (trad. Arch Tait. Londres: Serpent's Tail, 1998) (OLIVEIRA, 2019, p. 158).

Pensando em tudo isso, a importância de “Folheto” se dá por tratar do tema da homossexualidade de forma aberta, em um momento em que isso poderia significar, minimamente, um mandado de prisão. Além disso, o escrito é um dos poucos registros desse tema, tão renegado pela história russo-soviética. Kharitónov compôs um texto que reflete seu tempo, mas que, cinco décadas depois, ainda se mantém atual em certos pontos. Se pensarmos na realidade política da Rússia de hoje<sup>41</sup>, parece ainda permanecer o que o “Folheto” diz: continua vivo o medo de que “nós” dominemos o mundo.

## Referências

BERSHTEIN, Evgenii. An Englishman in the Russian Bathhouse: Kuzmin’s Wings and the Russian Tradition of Homeroic Writing. In: PANOVA, Lada; PRATT, Sarah (org.). *The Many Facets of Mikhail Kuzmin: A Miscellany*. Bloomington: Slavica, 2011. p. 75-87. Disponível em: [https://slavica.indiana.edu/system/tdf/bookContent\\_pdf/Kuzmin\\_Content.pdf?file=1&type=node&id=304&force=](https://slavica.indiana.edu/system/tdf/bookContent_pdf/Kuzmin_Content.pdf?file=1&type=node&id=304&force=). Acesso em: 27 jun. 2021.

FIGES, Orlando. *Sussurros*. Trad. Marcelo Schild e Ricardo Quintana. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2019.

FIGES, Orlando. *Uma história cultural da Rússia*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2017.

FRENKEL, Edward. The fifth problem: math e anti-Semitism in the Soviet Union. *The New Criterion*, out. 2012. Disponível em: <https://newcriterion.com/issues/2012/10/the-fifth-problem-math-anti-semitism-in-the-soviet-union>. Acesso em: 30 abr. 2022.

FRYE, Marilyn. *The politics of reality*. California: Crossing Press, 1983.

GESSEN, Macha (org.). *Права гомосексуалов и лесбиянок в Российской Федерации* [Direitos dos homossexuais e lésbicas na Federação Russa]. San Francisco: IGLHRC, 1994.

GÓRKI, Maksim. Пролетарский гуманизм (Humanismo proletário). *Jornal Pravda*, Moscou, 23 maio 1934. Disponível em: <http://gorkiy-lit.ru/gorkiy/articles/article-361.htm>. Acesso em: 16 maio 2022.

---

<sup>41</sup> Em 2012, a Parada do Orgulho LGBTQ+ foi proibida por 100 anos em todo território russo. No ano seguinte, sob a alegação de “proteger as crianças”, houve a proibição de qualquer tipo de propaganda de “meios de vida não-tradicionais” direcionada a menores de idade (ideia semelhante ao que se pretendia aplicar, em São Paulo, em 2021, com a PL 504). Ainda na década de 2010, outras leis foram sugeridas, entre elas uma de 2015 que incluía pessoas transexuais como indivíduos com transtornos mentais, proibindo-as de realizar atividades como dirigir. Em 2017, as notícias da prisão e tortura de homossexuais na Chechênia mostrou que a situação na Rússia se complica cada vez mais.

HEALEY, Daniel. **Russian Homophobia from Stalin to Sochi**. New York: Bloomsbury Academic, 2017.

KHARITÓNOV, Evguéni. **Под домашним арестом** [Em prisão domiciliar]. 2. ed. Moscou: Glagol, 2005.

KONAKOV, Aleksei. Евгений Харитонов биграфия (Фрагмент из биографического исследования Алексея Конакова) [Evguéni Kharitónov, uma biografia (Fragmento da pesquisa biográfica de Aleksei Konakov)]. **Colta.Ru**, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://www.colta.ru/articles/literature/21492-evgeniy-haritonov-biografiya-plast-pervyy-tela-teatrov>. Acesso em: 16 maio 2022. <https://doi.org/10.21168/rega.v19e16>

KUZMIN, Mikhail. **Asas**. Tradução e posfácio de Elias Ribeiro de Castro. São Paulo: Editora Z, 2003.

MOSS, Kevin (org.). **Out of the Blue: Russia's Hidden Gay Literature**. An Anthology. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1997.

NABÓKOV, Vladímir. **Машенька. Подвиг** [Máchenka. A façanha]. São Petersburgo: Ázbuka, 2014.

OLIVEIRA, Yuri Martins de. **“O forno”, de Evguéni Kharitónov: um estudo sobre o narrador-personagem**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TOLSTÓI, Lev. **Infância, adolescência, juventude**. Trad. Maria Aparecida Botelho. São Paulo: L&PM Pocket, 2013.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 487-525, jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1628/3619>. Acesso em: 27 jun. 2021.

YANG, Lin. A study of sport as a political tool under Communism. **Writing 20**, Spring 2007. Disponível em: <https://dukespace.lib.duke.edu/dspace/handle/10161/578>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Recebido em: 27.10.2021

Aprovado em: 14.02.2022